



Ricardo Neves-Neves, *A Reconquista de Olivença* A viagem do Teatro do Elétrico

❗ Não é um musical, embora haja uma predominância de música em *A Reconquista de Olivença*, que estreia a 6 de fevereiro, no Teatro S. Luiz, em Lisboa, com texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (RNN) e música do pianista Filipe Raposo. Toda a atmosfera é, porém, musical. “No texto dito a questão rítmica é sublinhada, tal como o coro obedece aos códigos musicais, mas diria que é sobretudo o grande épico do Teatro do Elétrico”, adianta ao JL o dramaturgo e encenador. “Uma viagem que começa em Lisboa e acaba em Olivença, mas vai até meio do Atlântico e, num delírio total, empurrada atmosfera fora”.

O nome do espetáculo remete, desde logo, para uma questão “sensível” e RNN nunca o ignorou. “A questão de Olivença é apenas um pretexto para falarmos de outras coisas”, diz. “É isso mesmo que tenho respondido a algumas mensagens que tenho recebido”. E acrescenta: “Como acontece sempre nos meus textos, há um ambiente um pouco fantasioso, que tem que ver com um certo faz-de-conta, com imaginar novos contextos e como seria se fosse de outra forma. Uma brincadeira, em que de facto a questão de Olivença acaba por ser secundária”.

A investigação prévia, antes da construção do espetáculo, acabou, no entanto, por revelar uma problemática que não deixou de ser interessante. “É incrível como as



Imagem de *A Reconquista de Olivença*

questões diplomáticas e políticas podem mudar fronteiras e a vida das pessoas que vivem numa localidade, neste caso num concelho que era do Alentejo e passou a ser espanhol”, salienta ainda o encenador. “Porque as pessoas, de repente, tinham outra nacionalidade, outra língua e cultura. Mas a verdade é que ainda nas últimas eleições portuguesas votaram duas centenas de habitantes que têm dupla nacionalidade. O que mais nos importa é como as estratégias de poder se sobrepõem às culturais”.

De uma forma alargada e livre, é, de resto, a própria História de Portugal que está no centro da peça,

misturando “conceitos e factos históricos com noções de videojogos e questões políticas ou notícias de jornais”, explica. “Enquanto escrevo, continuo a ler o jornal, a ver a televisão e o que se passa na rua, pelo que todas essas referências estão muito presentes. Mas a forma que tenho de trabalhar tudo isso é leve, quase superficial. E parece-me que o humor, a fantasia, são uma boa forma de fazer as coisas ressoarem nos espectadores, para que possam refletir sobre as nossas preocupações”.

A Reconquista de Olivença convoca para uma reflexão sobre “o que é ser português” e “o que é

ser português na Europa” a partir de detalhes tão peculiares como os crónicos atrasos dos portugueses. “Por isso, o espetáculo abre com um tema do Filipe Raposo e com alguns atores ainda no banco, atrasados. São pequenas coisas, muito ligeiras, mas que fazem parte da nossa cultura e que já estão tão entranhadas nas nossas veias que nem lhes damos importância”. As marcas identitárias e culturais, a “ideia de pertencer a um lugar”, de “território” e de portugalidade fazem também parte da viagem que o Teatro do Elétrico vai empreender e que passa ainda por Gibraltar, Ceuta, Palestina, sempre de passagem, mas implicada no sentido cultural e das “formas de viver”.

A Reconquista de Olivença, aliás, é apenas um “ponto de partida” num projeto mais vasto e a longo prazo que irá trabalhar um universo que fascina Ricardo Neves-Neves, que se prende com os vídeos que se podem encontrar no YouTube sobre os continentes perdidos, como Atlântida, ou o ‘terraplanismo’, que procuram “reescrever a História, como a aprendemos, e o que temos como adquirido”: “Começo pela História de Portugal e depois irei escrever sobre a história do mundo, um outro espetáculo a que chamarei *Here Comes the Sun* e que terá como foco o sol, o sistema solar e o nosso planeta desde o big bang”.

Com interpretação de Ana Valentim, David Pereira Bastos, Diana Vaz, Joana Campelo, Sandra Faleiro, Rita Cruz, Samuel Alves, Sílvia Filipe e Vítor Oliveira, entre outros, o espetáculo vai estar em cena no S. Luiz até 16 de fevereiro, e depois, a 21 e 22, no Cineteatro Louletano, em Loulé. **JL M.L.N.**

ESTELLE VALENTE